

# Uma relação mensageira<sup>1</sup>

## *A messenger relationship*

Mariângela Mendes de Almeida\*

Patrícia Rossetti\*\*

**Resumo:** O artigo aborda a relação entre Daniele e sua filha Íris, de 3 anos, destacando os impasses na amamentação diante de novas alternativas ao desenvolvimento do vínculo. A resistência ambivalente ao desmame, ao mesmo tempo reassegura a mãe de sua importância e a sobrecarrega, em situação solitária e sem apoio de uma parceria paterna. Durante a intervenção psicanalítica, a criança expressa, em modalidade lúdica e verbal mensageira, a necessidade de expansão vincular da relação corporal dual para a inclusão de terceiros. Daniele é convocada a reconhecer as competências da dupla, em contexto de flexibilização de expectativas rígidas, com novas alternativas de triangulação e integração de funções no campo da parentalidade.

**Palavras-chave:** Amamentação. Vínculo parental. Intervenção psicanalítica.

**Abstract:** *The article addresses the relationship between Daniele and her 3-year-old daughter Íris, highlighting the impasses in breastfeeding in the face of new alternatives to the development of the bond. The ambivalent resistance to weaning, at the same time, reassures the mother of her importance and overwhelms her, in a lonely situation and without the support of a paternal partnership. During the psychoanalytic intervention, the child expresses, in a playful and verbal messenger modality, the need for the expansion of the dual bodily relationship to the inclusion of third elements. Daniele is called upon to recognize the skills of the dyad, in a context of flexibility of rigid expectations, with new alternatives for triangulation and integration of functions in the field of parenting.*

**Keywords:** *Breastfeeding. Parental bond. Psychoanalytic intervention.*

---

1. Trabalho apresentado no Congresso Fepal 2024, como parte da mesa-redonda “Clínica com bebês: desafiando fanatismos nas integrações da parentalidade”, da qual participamos como Membros da Clínica 0 a 3 da SBPSP.

\* Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro da Clínica 0 a 3 e do Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo. Coordenadora do Núcleo Pais-Bebês do Setor de Saúde Mental, Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

\*\* Psiquiatra, Psiquiatra de Crianças e Adolescentes. Psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro da Clínica 0 a 3 e do Grupo de Autismo.

## CHEGADA E INÍCIOS

A jovem mãe Daniele nos procura com a preocupação de que Íris, já com 3 anos, “não se alimenta”: “Só quer peito”. Daniele sente que só peito não é suficiente, mas ao mesmo tempo não consegue se sentir confiante para retirar o que é, para ela, a marca concreta de sua presença junto à filha. Em cena emblemática durante as primeiras sessões presenciais, Daniele amamenta a garota Íris dentro da cabaninha-casulo de seus cabelos longos, nos quais a garota ao mesmo tempo se embrenha, se esconde, se protege, mas também emerge mensageira de suas outras necessidades. Busca brincadeiras com as analistas, enquanto também em alternância se apoia e se pendura no corpo da mãe, garantindo à dupla o contato primordial. Daniele se mostra angustiada, aprisionada, paralisada, desamparada sem a continuidade do contato com o companheiro casual com o qual teve a bebê. O *setting* da intervenção pais-bebês (PEREIRA DA SILVA, 2022) também se constitui como espaço de reconhecimento para a competência de Daniele do que oferece e pode oferecer à Íris.

De fato, nos contatos iniciais e depois em tela atravessando a pandemia, em cinco sessões de trabalho, Íris (nome fictício escolhido por sua simbologia de mensageira na mitologia grega) demonstra intensa vitalidade, apetência física e simbólica em constituição física bastante saudável. Daniele traz relatos de terceiros que tentam entrar (tia, pai da criança) mas que acabam muitas vezes se retirando em desistência para se poupar de conflitos, e se oferecem em outros momentos na mesma posição de incondicionalidade dual de total dedicação, apresentando substitutos de realização sensorial imediata. Tentamos várias vezes contato com o pai de Íris; ele chegava a aceitar o encontro e depois não avisava e não aparecia. Serão as separações e trans-formações aqui autorizadas e toleradas?

Na intervenção psicanalítica, a criança enquanto “mama”, enca(p)sulada e garantindo a conexão corporal primordial com a mãe, se vira em hemicorpo e mão estendida convocante para o centro da sala e rola uma bola para nós. Mostra assim a possibilidade de também se aventurar por outros campos de experiência. Ensaando outras aventuras em vai e vem, entra na brincadeira numa relação triangular, em que, como agente, inicia a demanda, mostra sua competência em pedir ajuda, tendo encontrado um lugar também nessa nova configuração, permitindo alteridades, novas entradas de qualidade “paterna”. A interação triangular na sessão, sob nosso testemunho que autoriza uma relação íntima em abertura de duplo trilho (ALVAREZ, 1994), liberta o brincar e a flexi-

bilidade de outras trocas metaforizadas, fazendo do peito e da relação primordial uma matriz de bons vínculos não aprisionantes e rigidamente cristalizados.

## MENSAGENS EM CENA

Já na pandemia, migramos para a modalidade *online*. Daniele e Íris nos acompanham, mudando também no *setting* analítico de uma forma de “alimentação” para outra e sugerindo possibilidade de vinculação e perspectiva de flexibilidade. Íris, novamente mensageira, em sessão pela tela no contexto pandêmico, dá voz livre ao transparente infantil, solicitando compartilhamento e continência. A garota está identificada como I, a mãe com D e nós analistas como M e P. O detalhamento da vinheta aqui apresentada – que nos permite refletir sobre a microscopia da clínica – foi possível pela transcrição da filmagem em *Zoom* autorizada pela mãe, prática utilizada pela Clínica 0 a 3 em nosso percurso como grupo de trabalho e aprofundamento clínico-conceitual.

M. (Mostrando frutas bem pertinho da tela para a garota que se coloca deitada de bruços de frente para nós) *Huum, você quer todo esse mamá de frutas aqui também, como você fazia com o mamá da mamãe? ...*

I: (Enfática e assertiva em voz potente e mensageira de apetite e prazer) *Dá na minha mão!*

Todos rimos espontaneamente com a facilidade de trânsito representacional da pequena Íris e prosseguimos em sua narrativa transicional metaforizante.

M: *Tó na sua mão, de faz de conta, pega! Pega de faz de conta!*

I: *Peguei!*

M: *Peguei, aaahh – de faz de conta, a gente pode imaginar muita coisa, né?*

I: *Agora eu vou pegar a maçã!*

M: *... agora vai pegar a maçã!* (ecoando em modulação melódica a ludicidade da criança).

M: *Ahan ahan ahan... huuuum que delícia essa maçã, que gostosa, estou experimentando...* (Desfrutando, em faz de conta compartilhado, o prazer convocante da criança).

I: *Pega os brinquedos?*

M: *É? Como é? São os brinquedos como o leitinho da mamãe que era muito gostoso e agora o gosto do leitinho da mamãe está em todas as coisas, né? Está nas frutas, está nos brinquedos...*

I: *Tem leitinho da mamãe?*

M: *Oi? Se eu tenho o leitinho da mamãe aqui?* (Risos de todos ressoam em júbilo compartilhado).

Ela balança a cabeça que sim.

I: *Aham!*

P: *Pera aí que eu vou pegar o leitinho!*

M: *Tudo que é o leitinho bom da mamãe, a gente pode imaginar em todas as coisas, né! Não é isso Daniele?*

I: *... o leitinho é de pôr na boca!*

M: É, Daniele, o gostoso do seu leitinho agora, ela pode achar em todas as outras coisas com que ela está brincando, né? Porque ela tá segura de que o que ela aproveitou do leitinho com você foi muito bom para ela, né? E aí, ela pode imaginar isso em todas as coisas.

I: *... de verdade!*

P: *Aqui Aline, eu trouxe duas para você ver, olha! É igual à sua?*

D: *Olha a mamadeira!* (Mãe compartilha a apresentação de objeto realizada pela analista)

M. (Íris demonstra beijar a mamadeira) *Ai, que gostoso né? Até merece um beijo!!!* (joga beijos)

P. *Oh, a gente pode fazer o seu macarrão aqui também, ó com a massinha ó, para fazer um belo macarrão de massinha! Huuuum, delícia!!!* (Dramatizando a diversidade alimentar demonstrada pela criança).

D: Ó, de massinha!

M: Éhhh

I: *... massinha!*

D: É mesmo!

M: *Você gosta?*

I: Ó!

M: *Daniele, você gosta de ver que ela está tão interessada em várias coisas?* (Convocando a legitimação da mãe para a diversidade de possibilidades de internalização da criança).

D: *Sim, com certeza!*

M: *Isso tem a ver com o que você ofereceu para ela, com o seu carinho, com o seu cuidado...*

I: (Faz uma carinha marota)

M: *O que você quer mostrar para a gente? Que você é uma garotinha muito esperta?*

D: *Tá contando as cores da massinha que ela tem!* (Legitimando a competência da criança).

P: *Ahhhh!*

M: *Ahhh, como é que é?*

I: *É de brincar assim ó! (Reafirmando sua iniciativa e confiança).*

M: *É como a Patrícia mostrou para você, né? Ó lá a Patrícia mostrando para você! (Fortalecendo a parceria “parental”, referência explícita à dupla analítica em trabalho conjunto).*

P: *Ó a massinha, ó! Você quer uma massinha azul? Porque você está falando bastante do azul, né? Porque agora eu acho que as coisas estão bem clari-nhas (metaforizando as transformações).*

I: *Cadê a massinha azul?*

P: *Vou pegar uma massinha azul, porque essa aqui que eu tenho é vermelha, péra lá!*

M: *É, a gente pode imaginar um monte de coisas também, né? Isso que é legal, né, Daniele? ela partiu de uma coisa bem concreta que era só o leite, só o seu peito e agora ela pode imaginar várias coisas que são legais também...*

I: *... estragado! (Mais uma mensagem de Íris nos está chegando).*

M: *O que... que está estragado?*

I: *Aham!*

M: *O que, que está estragado?*

I: *O peito!*

M: *O peito... tá estragado, é? Teve essas historinhas para ajudar a tirar, Daniele?... que o peito tava estragado?*

D: *Sim, sim!*

M: *Como é que foi isso?*

I: *Tinha que mamar na mamadeira, né Íris?*

I: *Aham!*

D: *O peito da mamãe ficou dodói e aí ficou ruim, ficou estragado né? Aí tem que mamar na mamadeira!*

I: *O peito... o peito ficou estragado, ficou ruim!*

M: *Mas, você ficou dodói mesmo, Daniele?*

D: *Não!*

M: *Ficou doendo?*

D: *Não! ...*

M: *Mas, às vezes, né Íris? às vezes as coisas mudam, e tem outras coisas gostosas que a mamãe queria que você conhecesse, né?*

M: *E será que ela não pode passar para outras coisas mesmo estando bom? Porque agora ela está vendo um monte de coisa boa, sentindo um monte de coisa*

*boa, porque foi muito bom lá né? com você!*

D: *Aham!*

M: *Mas, talvez para você tenha sido importante dizer que não estava mais bom para poder mudar?*

D: *Sim, porque não tinha conversa para tentar convencer a Íris a sair mesmo, né?*

M: *Você não acreditava que ela ia poder passar do bom para o bom?*

G. *Não, a gente fez tanta tentativa e a gente já tava meio que ficando preocupada com ela, pelo fato de não comer mesmo, entendeu? E aí, foi o jeito!*

P. *Ela pegou a maçã!*

D: *... Maçã para mostrar para a tia!*

M: *Você viu que interessante que ela que trouxe para a gente esse assunto do peito estragado? Ela que quis contar isso!* (risos) (Amplificando a mensagem vinda do infantil, em protagonismo, sensibilidade e comunicação em demanda de continência)

P. *Oh, quanta coisa gostosa tem aí na sua casa heim? Que delícia!* (Reconhecimento das competências vinculares em desenvolvimento)

M. *Huuuum, que bom!!!*

As partes saudáveis do *self* em Íris buscam um novo alimento que também contém, e assim ela nos entrega a mensagem relacionada às dificuldades vinculares: “*O peito está estragado*”. Íris demonstra a necessidade de um casal parental que olhe para ela; anseia por um olhar que a alimente matematicamente, mas que também a acolha em seus novos desenvolvimentos, incluindo sua competência para agregar outras alteridades, função usualmente representada pela alternância presença/ausência, pela separabilidade e pela presença do paterno como “outro” também significativo, em bissexualidade psíquica (HOUZEL, 2001).

Íris nos impacta e surpreende comunicando vivazmente, como quem libera um segredo, a desculpa parental e a justificativa aceita pelo engolimento “goela” abaixo. Em *close* total bem perto da câmera, “falando ao mundo” das alteridades, clama assim por nosso processamento: “o peito tá estragado!” Do outro lado, também clamando por nossa compreensão, encontramos a pimenta no seio, o “re-médio” para uma mediação não possível, ou o seio “machucado” e imobilizado, sem poder transitar com genuína liberdade.

O desespero materno que se descortina, ameaça de sofrimento psíquico em passagem ao ato, transmite a dor e a impossibilidade de sustentar as fronteiras do corpo, dos limites, sem a expressão radical do corte abrupto e desimplicado. A fonte de provisão somatopsíquica já bem desvitalizada e desca-

racterizada por ser vivenciada muitas vezes como “copo plástico” ou “mama-deira depositada ao lado do travesseiro em lugar de acesso contínuo”, fica assim estragada, não disponível para internalização ou reserva de experiência de acolhimento, de alimento nutricional para relações de confiança e acompanhamento em novos desafios.

O “peito” incondicional, fonte de realização total dos desejos idílicos, só sai de cena “autorizado” pelo peito atacado, estragado e completamente destruído, sem reparação. Que experiência de transicionalidade, integração, trabalho psíquico, composições, introjeção, fantasia (não) está sendo vivenciada nesse tipo de relação?

Nossa conversa com elas mostra os enrijecimentos em função das vulnerabilidades frente ao desmame e às diferenciações. Íris corresponde à necessidade de não desgrudar da mãe, mas já ao mesmo tempo quer brincar com a gente na sala. Há dificuldade de ver o “bom” no peito simbólico “separado” e metaforizado. O peito teria que ser incorporado como “estragado” para poder se separar... É inicialmente impensável integrar o “bom” nas relações de diferenciação. Ou existe o bom idealizado que não permite outras entradas (Ela não come mais nada!!!) ou a entrada de outras possibilidades vem acompanhada com uma desvalorização da fonte de “alimento” primordial (Que teria que ser única?). Esta se apresenta e é vivenciada como exclusiva ou então pouco dotada de valor ou competência, estragada, esvaziada, depreciada e pouco investida...

Este trabalho foi originalmente apresentado em evento relacionado à preocupação com aspectos de rigidez e fanatismo que podem interferir no fluxo de funcionamentos que promovem saúde. Em um paralelo possível com o contexto social, tal dificuldade de reconhecimento dos sofrimentos em sua singularidade e mutualidade promove o estabelecimento – em matriz a se perpetuar – de vínculos afastados de preocupação genuína com o outro e com relações de desenvolvimento. Na falta de recursos de mediação, a “solução” pode vir pelo bombardeio, pelo ataque. Sem conciliação, há cristalização, há rigidez insistindo em uma única crença inabalável, há “estrago”, há aniquilação, há guerra. Há trabalho para o psicanalista!

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO CASULO ÀS FRESTAS MENSAGEIRAS**

Ao longo dos cinco encontros, o casulo entre cabelos parece ter se aberto a novas possibilidades. Com persistência, acreditamos na transformação que poderia

ocorrer na dupla. Ao término dos encontros a mãe nos comunica também que está voltando a estudar, mostrando maior reconhecimento de suas competências, com crescente possibilidade de diferenciação, autonomia e desenvolvimento pessoal e relacional. As sessões de intervenção facilitam o aumento da sincronia parental e mutualidade da relação, viabilizando mensagens que clamam por comunicação em um *setting* receptivo que pode mediar a mudança. Elementos de rigidez e potencial cristalização parecem ter encontrado outras vias de manifestação.

Daniele e Íris, em relação mensageira de comunicações verbais e não verbais processadas conjuntamente, vivenciam conosco alternativas para a crença única, para a repetição de modelos cristalizados, para o terror do desamparo que se gruda em extensões indiferenciadas, para o ataque às fontes de vida por impossibilidade de sustentar ansiedades sentidas como não toleráveis. A presença psicanalítica junto às demandas infantis e ao sofrimento materno, dando voz ao “peito estragado” pode facilitar possíveis restaurações. Ao se deparar com nossa presença como ambiente facilitador, e também como escuta continente em triangulação, a mensageira Íris traz à comunicação a dor/dodói psíquico dela e da mãe que pode assim deixar de ser concreta em corpo danificado.

Vem à tona pela competência infantil, já em desenvolvimento, a possibilidade de conversa acompanhada acerca da raiz de resistências e dificuldades de reconhecimento de uma autonomia que não se converta em abandono do vínculo original, mas que possa se enriquecer com a ampliação do apetite por novas possibilidades de nutrição.

Relatamos aqui o trabalho de intervenção na relação pais-bebê/criança, a partir da amplificação das comunicações lúdicas e demandas verbais incipientes na configuração relacional, com espaço para acolhimento parental e atenção aos funcionamentos “primitivos” transbordantes nos vínculos. Demonstramos a possibilidade de subverter dicotomias e cisões, promovendo novas alternativas de triangulação integrando funções materna e paterna como constituintes do campo da parentalidade.

**Mariângela Mendes de Almeida**  
mamendesa@hotmail.com

**Patrícia Rossetti**  
patriciaabertinirossetti@hotmail.com

## Referências

ALVAREZ, A. O problema da nova ideia: transtornos do pensamento e do comportamento como formas de déficit cognitivo. In: *Companhia Viva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p.103-118.

HOUZEL, D. Bisexual qualities of the psychic envelope. In: *Being Alive. Building on the work of Anne Alvarez*. Judith Edwards (Org.). East Sussex: Brunner – Routledge, 2001. p. 44-56.

PEREIRA DA SILVA, M.C. *Fronteiras da parentalidade e recursos auxiliares*. São Paulo: Blucher, 2022.